

O jornalista, as práticas discursivas e uma nova figura: o produtor

Beatriz Marocco

Há séculos o jornalista vem observando os acontecimentos que passam na realidade e vem produzindo relatos que objetivam e apresentam esses mesmos acontecimentos sob outras formas. Essas formas jornalísticas – sejam elas notícias ou reportagens – deslocam o acontecimento de sua profundidade imaterial e lhe conferem uma identidade propriamente jornalística que poderemos finalmente experimentar, conhecer e decifrar nos meios de comunicação. Em outras palavras, poder-se-ia dizer que o acontecimento ganhará uma materialidade singular no quadro de uma formação discursiva, controlada e perpetuada por um conjunto de práticas discursivas que limitam o entendimento do que é jornalismo e do que é ser jornalista (Foucault, 1999; Dent, 2008).

O jornalismo vem alargando sem cessar o campo dos acontecimentos – um número cada vez maior de acontecimentos vem sendo materializado em espaços midiáticos diferentes, dando a impressão de que o tempo de sua sucessão, ou seja, o tempo em que se sucedem no mundo, não é mais o mesmo, que os acontecimentos que passam estão passando com mais rapidez, enquanto, sabe-se muito bem, por trás desta sensação reside a multiplicidade de suportes e as possibilidades da tecnologia que diversificam os espaços editoriais e alteram as condições de produção e, portanto, possibilitam imprimir mais velocidade aos processos jornalísticos elevando o que Benjamin chamou de “reprodutibilidade técnica” a níveis anacrônicos. Junto com essa expansão da objetivação jornalística dos acontecimentos do mundo em que vivemos, o jornalismo vem explorando novas camadas informativas nos acontecimentos, mais superficiais ou mais profundas.

Seja em meio digital, seja em meio impresso, sob a forma de discurso, em outro espaço que não é o real – o espaço do jornal, da revista, dos *blogs* etcétera – o

acontecimento será apresentado em uma miríade de discursos. Nesse campo de produção de conhecimento sobre os acontecimentos e o mundo, o jornalista comanda um esquema virtual que projeta os percursos do processo de objetivação dos acontecimentos. Esse processo inicia com a mirada do jornalista pousada sobre o acontecimento, completa-se em dois movimentos – de constrição do acontecimento à experiência da testemunha alçada à condição de fonte jornalística, com quem o jornalista divide a experiência e a quem responsabiliza pelo vivido, e de construção do acontecimento segundo os moldes de uma positividade jornalística – e em três procedimentos simultâneos e sucessivos.

Primeiro: no instante da observação, o jornalista se fixa apenas nos sintomas evidentes de uma realidade cotidiana já objetivada que as coisas carregam e não necessariamente em sua complexidade. Segundo: a essa “mirada clínica” que se dirige ao acontecimento (para que possamos melhor associá-la ao que já foi dito por Foucault em relação à clínica médica) somam-se procedimentos já codificados que preterem a experiência do jornalista diante do testemunho da fonte. Terceiro e último: afastado do local do acontecimento, no ambiente da redação, o jornalista deixa-se impregnar por um modo jornalístico de nomear as coisas da realidade para acrescentar ao dado um sistema sutil de evasivas. Somada aquela “mirada clínica” do momento da captação dos dados ao relato jornalístico, o acontecimento vai liberar o seu volume, o sujeito que narra vai desaparecer em favor de uma linguagem jornalística. Há, portanto, uma elisão do jornalista no quadro da representação jornalística moderna.

Nessa relação complexa que confere ao ciclo invisível dos acontecimentos uma natureza discursiva, nós, leitores, sempre estivemos em excesso. O jornalista só dirigia os olhos para nós à medida que pudéssemos auxiliá-lo a preencher a ausência que lhe cabe, ocupando-a na condição de fontes. As fontes vão ocupar um vazio, um espaço pretensamente neutro que diferencia o jornalismo das outras histórias que nos são contadas sobre a realidade. Nesse espaço, serão elementos auxiliares. Através da fala reconhecadora e testemunhal da fonte, das versões de fontes conflitantes, de uma fórmula pronta para incluí-las e provocar o efeito de impessoalidade, entre outras estratégias, o jornalista vai ausentar-se ou ocupar uma posição secundária na superfície material. Em sua ausência/imparcialidade dará lugar a um relato objetivo da realidade, como prescreve o livro de estilo jornalístico em que desaparece como sujeito que fala de si, de sua própria experiência, que dá conselhos e que conduz o relato. De fato, a linguagem que dá origem ao que se conhece como jornalismo não pertence à ordem da interiorização do jornalista e sim a um saber artificialmente concebido sobre as coisas e a realidade preexistente em que a associação com a fonte é uma propriedade: trata-se de uma dobra que se constrói sobre a linguagem e que é marca da passagem da linguagem ao modo de ser do jornalismo, ou, nas palavras de R. Barthes, a um “sistema de sentido segundo”, parasita da língua propriamente

dita e que “também é uma língua em relação à qual se desenvolvem fatos de fala, idioletos e estruturas duplas” (1964: 32).

O que foi dito até o momento se situa no limiar em que o paradigma da objetividade e a “busca da verdade” (Marcondes Filho, 2000: 110-111) que lhe corresponde, traça os limites do saber jornalístico, da formação discursiva do jornalismo, em sua forma moderna. Trata-se de um modo de reconhecer, objetivar e apresentar o mundo que reduz a proliferação dos acontecimentos ao olhar pretensamente “neutro” do jornalista, além de submetê-los a uma estrutura que classifica, ordena, inclui, exclui e depois disso, apresenta uma história em que personagens relevantes e detalhes sensacionais convivem com um narrador “ausente”. Enfocar o jornalismo como uma formação discursiva, segundo Dent, significa reconhecer certas características aos jornalistas e suas práticas que permitem que o jornalismo seja controlado e perpetuado (2008: 201).

O que pretendo problematizar neste texto é que o que foi dito nas linhas acima sobre a objetivação jornalística dos acontecimentos poderia estar sendo posto em xeque pelas configurações de tempo e espaço das tecnologias, que modificam o peso do diagrama, pulverizam o “aqui” em uma miríade de espaços, desarranjam o que parecia organizado por um ritmo controlado e, com isso, provocam um “efeito de dilatação” sobre a duração do instante. Sob tais condições de produção, forma-se uma zona de instabilidade no horizonte dos relatos jornalísticos em que alguns elementos da esfera preexistente da realidade, antes irreduzíveis ao jornalismo, aparecem na cena: “É como se houvesse um efeito de lupa não sobre um objeto, mas sobre um instante; não sobre um ponto no espaço, mas sobre um instante no tempo: um efeito de dilatação” (Virilio, 2006: 93).

Com isso, o jornalismo, bem constituído com seu corpo de leis, apesar de secularmente vulnerável a uma série de instituições e exigências econômicas imediatas, parece fragilizar-se mais, desta vez à coerção de elementos que de certa maneira vinham sendo sonogados pela fonte ou descartados/disfarçados em sua profusão e acumulação pelo crivo do jornalista e de que esses – fonte e jornalista – já não se podem mais apossar.

Para trazer tais elementos à luz organizamos um pequeno *corpus* formado por dois acontecimentos e os relatos sobre ambos que foram publicados em diferentes mídias em um tempo estendido para aquém e além da notícia propriamente: o pronunciamento do presidente Luiz Inácio Lula da Silva à Nação, no dia 12/8/2005 e a entrevista ao *Fantástico* de Suzane von Richthöfen. As noções fundamentais que adotaremos para explorar a complexidade em que esses relatos jornalísticos se inscrevem, seguindo um percurso foucaultiano, não são mais o gênero, as mídias, a objetividade jornalística ou as unidades redacionais, com os problemas correlatos de ética, normalização e funcionamento do dispositivo jornalístico, não são tampouco o signo ou a estrutura. São as noções de discurso jornalístico,

como possibilidade de existência material desses acontecimentos, e de práticas discursivas referidas a qualquer ação (inclusive pensamentos não falados). Sem essas práticas, uma formação discursiva não pode operar como um corpo regulado de conhecimento (Dent, 2008). É no sistema do arquivo, em seu sentido foucaultiano, ou na grande coleção de tudo o que é jornalístico, que vão ser precipitadas as conexões presentes nas camadas constitutivas superficiais e subterrâneas da materialidade discursiva. A mecânica de funcionamento do arquivo baseia-se na dinâmica das relações enunciativas entre uma heterogeneidade de discursos que podem iluminar as práticas jornalísticas, suas relações com a experiência e suas condições históricas de produção.

Lula e a representação

No dia 12/08/2005, a capa da Folha de S. Paulo foi dominada pelos olhos cheios de lágrimas do publicitário Duda Mendonça que em seu depoimento à CPI dos Correios na véspera admitiu ter recebido ilegalmente R\$ 11,9 milhões em 2003 nas Bahamas para quitar dívidas da campanha de 2002. A primeira página da imprensa brasileira fez mais ou menos o mesmo. Na Folha, a foto do publicitário está imediatamente acima da foto de um grupo de petistas que lhe fazem coro: “choram” após ouvir que o “caixa dois” foi usado para “pagar campanhas do PT”. Zero Hora, de Porto Alegre, estampa uma pequena fotografia de Duda entre lágrimas em relação de estreita proximidade com um pretense “cara pintada” – um dos exemplares que, segundo o jornal, “reapareceram nas ruas, desta vez para protestar contra a corrupção do governo Lula”.

No mesmo dia, o presidente abre a reunião ministerial para virar o jogo: da posição defensiva que ocupara na véspera – segundo versões de assessores publicadas pela imprensa – de desconhecimento do que havia sido feito pela cúpula do seu partido (leia-se práticas de caixa dois e crime de evasão de divisas), parte para a ofensiva.

Em cerca de 10 minutos (9min48s), Lula pede desculpas ao país, em fala¹ transmitida em rede nacional, em que reconhece os fatos de corrupção que vêm sendo destilados na arena do legislativo e elogia tudo o que o governo está fazendo e colhendo em prol da economia.

A fala do presidente, monológica na condição de pronunciamento oficial, deveria corresponder à sua figura congelada no centro simbolicamente soberano da representação jornalística. Mas não o foi. No quadro que se forma à nossa frente, o que deveria ter aparecido se conjuga a elementos que excedem a cena jornalística clássica: a imagem de um cinegrafista em ação e uma sucessão de sombras que aparecem por trás da ampla vidraça por onde passa a luz que ilumina a ampla sala. Outro cinegrafista empresta seu olhar ao quadro e em tudo o que enquadra somente

o seu corpo é uma ausência; é o seu olhar que amplia ou reduz a moldura do quadro, que inclui ou exclui elementos da cena. Tampouco as sombras que se acumulam sucessivamente disputariam a cena com o seu protagonista, sem dúvida elas não teriam sido incorporadas à memória midiática por absoluta falta de compatibilidade com os critérios de noticiabilidade, se não fosse o olhar do cinegrafista sintonizado com a leveza do diagrama da digitalidade.

Temos aí, portanto, dois centros que podem organizar o quadro conforme a atenção do espectador divague e se prenda aqui ou ali. O presidente mantém-se de pé no centro soberano do fundo da sala de reuniões com o corpo parcialmente protegido pela tribuna em que apóia as mãos e onde se encontram os originais do texto que está sendo lido. Está cercado por ministros do governo. Cada um deles ocupa o lugar que lhe dá direito o cargo e que emana uma linha perfeitamente definida e incompleta que se fixa à frente do quadro e que supõe elementos adjacentes – as autoridades que com os ministros formam o coro do governo.

Aos 44 segundos do pronunciamento do presidente, a câmera rompe com esse centro e o olhar lançado pelo cinegrafista faz ingressar no quadro outro cinegrafista que trabalha na extremidade oposta da sala e durante cerca de 10 segundos a sua presença será sincronizada com a voz do presidente. Mais tarde, o vulto do que parece ser o mesmo cinegrafista será novamente incluído na cena. Durante sete segundos – de 1min24s a 1min31s – a cena estará aberta para outros emissários desse espaço que vem sendo regularmente depurado pelo saber positivo. Sucessivamente aparecem vultos atrás das amplas janelas da sala de reuniões. Elementos estranhos ao registro jornalístico. Não identificados e fora do que era reservado às autoridades e ao pequeno público que participa da cerimônia. Certamente não aparecem em nenhum dos relatos midiáticos que se colaram ou que sucederam a fala do presidente, pois os comparando à autoridade das personagens representadas, são os mais desprezados quer seja pelo que foi escrito, quer seja pelas imagens ou pelos sons de cada um dos complexos sistemas midiáticos e das “línguas subsidiárias” que deles participam. A não ser este que analisamos. Ninguém presta atenção a esses reflexos que se esgueiram por trás de todo o mundo e se introduzem silenciosamente por um espaço insuspeitado, uns movimentos, um pouco de luz, bastariam para fazer tudo isso desaparecer: o que parece ser pura reciprocidade entre a voz do presidente, não com o que é enfocado, mas sim com o que nos pertence e que não nos está sendo revelado e sobre o qual falamos.

Suzane von Richthöfen

Em torno do assassinato do casal Manfred e Marísia von Richthöfen se cruzaram, na mídia, uma miríade de discursos de origem, forma, organização e função diferentes: dos advogados, dos assassinos, da família. Todos eles, em sua heteroge-

neidade, se referem a um mesmo acontecimento, não formam uma obra nem um texto, mas uma luta singular, uma batalha de discursos e através de discursos: os advogados travam uma batalha entre eles, a respeito das perícias médicas, da natureza do delito, da liberdade provisória, do caráter dos assassinos, do uso das circunstâncias atenuantes ou da qualificação do crime.

Daniel Cravinhos, um dos assassinos, ora se diz apaixonado por Suzane von Richthöfen, ora, com o irmão Cristian, a acusa de mentora do assassinato dos pais, ora ambos fazem apologia à impunidade. Por fim, as histórias de Suzane Louise von Richthöfen. Um grande conjunto de ciladas armadas contra nós leitores em que Suzane se manifesta fria, calculista e impiedosa (descrição do delegado Domingos de Paula Neto, que dirigia o Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa de São Paulo quando da ocorrência do duplo assassinato) ou se comporta como uma criança pequena, falando baixo, com voz infantil, apresentando-se como persona vitimizada, carente, merecedora de pena. Diante da mídia, a esses discursos somam-se os pequenos detalhes que vão dar a Suzane o brilho intenso e fugaz dos indivíduos sem importância que se tornam notícia somente por suas desgraças: a carta escrita na prisão para os pais do ex-namorado, o álbum de fotos da infância, em cenas familiares, a imagem atrás das grades ou o corpo exposto ao lado do namorado em biquíni sumário.

A tecnologia virá acrescentar a tudo isso que foi dito acima um elemento novo – mais do que o relato do crime, em suas formas anteriores – algo que o assassino não havia compartilhado nem com a polícia, nem com o repórter, muito menos conosco, leitores, e que pertence à esfera do íntimo do assassino e à estratégia de defesa. Os microfones que permaneceram abertos longe das câmeras e na ausência da repórter vão gravar, à revelia da assassina, dois fragmentos de conversa íntima entre ela, o seu procurador e o seu advogado, colocando em evidência a existência de um elemento que não pertence à estrutura do quadro, mesmo quando a entrevista se sustenta na “neoconfissão”, assim como foi pensada por E. Morin (2000: 218). No interior desse tipo de entrevista, o entrevistado deixa a superfície de si mesmo e se lança em um mergulho íntimo, mas esse mergulho, ao contrário do que ocorreu no *Fantástico*, faz parte da relação com o jornalista.

Suzane von Richthöfen e os advogados, quando esses lhe sugerem (sem saber que estão sendo gravados) que chore e se comova, deixam exposto o que seria uma forma de lacuna admitida pelo saber jornalístico, uma lacuna que nos é imposta a todos nós espectadores e que, em função das condições tecnológicas, passa a fazer parte do sistema, não mais de uma estratégia que move a assassina a falar à mesma mídia. Somente a encenação de tristeza de quem ocupa o centro da representação e parece estar em busca de um melhor julgamento era o que estava reservado a nós. Os elementos que materializaram a imagem que Suzane gostaria que arquivássemos dela poderiam ter sido, como o foram, quantificados (o número de vezes que enxugou os olhos ou

desviou-os para o seu tutor) enquanto as imagens técnicas de Suzane nos diziam outras coisas sobre ela, expondo ao espectador mais atento que ela desviava o olhar da câmera, parecendo evitar-nos. Uma contabilidade precisa de pequenas evidências de uma farsa, reconhecidas na mesma semana pela repórter de *Veja* (12/4/2006), poderia por si mesma instaurar um outro centro que iria organizar o quadro conforme a atenção do espectador divagasse para fora do que estava sendo mostrado. Somente a presença da repórter refletiria o que nos seria dado a ver se as linhas da página ou da tela se prolongassem para frente, indo mais para baixo, até materializar o que está do lado de fora e que é próprio das personagens que lhe servem de motivo.

Na TV, entretanto, a tecnologia transformou-se em coadjuvante da entrevista, entre as figuras do entrevistado e do entrevistador enquadradas originalmente pela neoconfissão. A relação de autoridade entre quem escuta (instância de dominação) e aquele que confessa (instância de submissão) vai se desviar, com esse novo elemento, do que está codificado pelo saber jornalístico. Na ausência do jornalista, o microfone aberto dá a ver as linhas que atravessam a profundidade do quadro e que foram parcialmente obscurecidas na entrevista, provocando uma dilatação do relato graças à figura técnica do produtor que domina a tecnologia embora não interfira na concepção do gênero e que formará com os dois elementos constitutivos da neoconfissão uma relação triádica – jornalista, fonte e produtor.

Ao contrário da neoconfissão, que é reconhecida pelo saber jornalístico e supõe uma hierarquia entre entrevistador e entrevistado e uma seqüência interrogatório/confissão, para que o entrevistado mergulhe em sua intimidade, agora o entrevistado, além de se submeter ao jogo com o entrevistador, vai ser submetido a um exercício de insubmissão ao que está prescrito pelo gênero, que será regulado e controlado não mais pela figura positivada do jornalista, mas sim pela figura do produtor, ou se precaver contra a possibilidade de ser surpreendido por esse fenômeno de omnivisibilidade que ainda não está codificado pelo jornalismo e que está ocorrendo no bojo das práticas.

Considerações conclusivas

Elementos de fora da formação discursiva estão sendo sinalizados nas práticas jornalísticas. Tais reflexos exógenos que observamos restituem o que é evidente, mas que sempre esteve disfarçado. Às vezes, é aquele que produz e havia sido elidido que emerge. Ou o que sempre havia ficado de fora que se projeta como sombra nas janelas. Outras vezes, a tecnologia dá acesso ao segredo.

São essas figuras que ocupam o espaço de uma cena mais aberta. Nela o jornalismo convive com a exposição de múltiplos elementos que revelam que esse já não está mais preso à disciplina do diagrama e sim padece de uma indefinição de espaço e está sujeito a uma sobrevida do instante que, ao invés de desaparecer,

como na realidade, singra o mar da digitalidade em diferentes relatos. A inclusão do cinegrafista, por exemplo. Trata-se de um dado do sistema de produção alheio à representação clássica, a não ser se esse cinegrafista fosse o próprio acontecimento, o que viria reforçar o efeito de objetividade das imagens jornalísticas, o que não ocorre na cena analisada.

No relato da entrevista com Susane von Richthöfen, os microfones abertos, sem que a entrevistada soubesse, deixam emergir dois fragmentos de conversa íntima entre ela, o seu procurador e o seu advogado, uma presença interativa viva e instantânea, a que não assistiríamos num espaço controlado pela distância inerente ao modo de objetivação jornalística. As tecnologias, diria Virilio, funcionam um pouco como o telescópio. O telescópio permite ver o que não enxergamos num espaço que está muito distante.

No caso dos elementos que roubam nossa atenção da figura do presidente, o efeito de dilatação projetado no interior do quadro poderia ser uma evidência da presença de todos nós que estamos fora do governo e da representação e que gostaríamos de alguma forma de estar ali, vigilantes, ou talvez nada disso: apenas poderia se tratar de alguém que foi convidado e há pouco abandonou a cena e que no momento do *travelling* de um outro cinegrafista (que está invisível na cena) contornava a sala de reunião. Poderia ser apenas o vulto de uma arquitetura ou do que fica do lado de fora e se perde no indecifrável universo das imagens de baixa resolução.

Por último: os processos de observação, constituição de um *corpus* e análise desses discursos se enquadram em uma perspectiva epistemológica fundamentada em uma crítica das práticas jornalísticas que impõe como tarefa estar atento ao que ocorre cotidianamente com a mecânica jornalística que anima e dissemina os discursos sobre os acontecimentos que passam na realidade. Uma analítica do modo de objetivação jornalística das coisas e dos indivíduos tenta mostrar o que é objetivado, como os acontecimentos são objetivados e como aparecem e o que permanece subjacente à materialidade discursiva. No caso concreto dos discursos a que nos dedicamos neste texto o que se evidencia é o surgimento de novos elementos no âmbito da representação e o inevitável deslocamento daquele que sempre foi soberano, mas quase sempre ocupou a sombra: o jornalista. Livre do controle do jornalista, mas acorrentado ao produtor, assim o jornalismo se abre às coisas do mundo, aos restos que sempre ficaram no exterior da representação clássica.

Beatriz Marocco
Professora da UNISINOS

Nota

1. <http://noticias.uol.com.br/uolnews/brasil/2005/08/12/ult2486u204.jhtm>, último acesso 4/07/2007.

Referências bibliográficas

- BARTHES, R. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1964. 116 p.
- DENT, Chris. Journalists are the confessors of the public, says one Foucaultian. *Journalism*, 9 (200): 200-210.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1990. 407 p.
- _____. *Eu, Pierre Rivière que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão*. Rio de Janeiro, Graal, 1991. 294 p.
- _____. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1995. 277 p.
- _____. *La arqueología del saber*. México, Siglo Veintiuno, 1999. 355 p.
- _____. El pensamiento del afuera. In: *Michel Foucault, entre filosofía y literatura*. Obras esenciales, vol. I. Barcelona, Paidós, 1999. p. 297-319.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *A saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker, 2002.
- MORIN, E. *Sociología*. Madrid: Tecnos, 1995. 410 p.
- VIRILIO, P. O paradoxo da memória do presente na era cibernética. In: F. CASALEGNO. *Memória cotidiana*. Comunidades e comunicação na era das redes. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 90-104.

Resumo

Para refletir sobre elementos exógenos que formam uma zona de instabilidade às margens do saber jornalístico, organizamos um *corpus* de observação e análise formado por um conjunto de micro-relatos sobre dois acontecimentos: o pronunciamento do presidente Luiz Inácio Lula da Silva à Nação, no dia 12/8/2005, e a entrevista de Suzane von Richthöfen ao *Fantástico* no dia 09/04/2006. As noções básicas para explorar esses discursos em sua complexidade não são mais as diferenças entre as mídias, nem o elenco de regras anônimas que disciplinam historicamente o jornalismo e os comportamentos do jornalista. Uma análise discursiva do acontecimento midiático em um tempo estendido para além do jornalismo diário dá clareza a essa nova figura.

Palavras-chave

Formação discursiva; Práticas discursivas; Jornalista; Acontecimento.

Abstract

The journalist, the discursive practices and a new figure: the producer

In order to reflect about external elements that provoke a zone of instability in the margins of journalism as a discursive formation we have organized a small *corpus* formed by two events: the speech of president Luiz Inácio Lula da Silva to the Nation, in 12/08/2005, the interview of Suzane von Richthöfen to the TV show *Fantástico*, in 09/04/2006, and a series of discourses related to them published by the media. The basic concepts used to explore the complexity of these discourses are not the different media, or journalism and the journalist's behavior. A discursive analysis of the media events, during an extending time, further on the daily journalism, can illuminate this new figure.

Key-words

Discursive formation; Discursive practices; Journalist; Event.